

A militância comunista numa antiga freguesia rural do Rio de Janeiro: o caso do médico negro Jacinto e os conflitos de terra em Jacarepaguá (1935-1962)¹

Renato de Souza Dória
UFF, FIOCRUZ e IHBAJA
renatodoria@hotmail.com

Leonardo Soares dos Santos
UFF, IHBAJA e USS
leossga@gmail.com

194

Trajatória de vida e contexto histórico: algumas palavras teórico-metodológicas

Dispusemos de poucas fontes para traçar a trajetória de vida profissional e pessoal de Jacinto Luciano Moreira até o ano de sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). O que sabemos a respeito deste momento da vida de Jacinto vem, basicamente, de três fontes: um pequeno trecho de efeméride²; um “santinho” eleitoral, provavelmente de 1945-6, quando Jacinto disputou as eleições de 1947 pelo PCB concorrendo uma vaga no Conselho Municipal da cidade do Rio de Janeiro³; uma reportagem publicada no início de 1947 em periódico do PCB.⁴ Ao cruzarmos as informações, percebemos que o conteúdo descrito é quase idêntico, o que nos levaria a deduzir certa confiabilidade nestas fontes. Porém, é preciso tecer algumas considerações metodológicas quando a fonte é um relato biográfico: primeiro, a propensão deste tipo de relato em se organizar em sequências históricas inteligíveis, “como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos,” onde vida da personagem é retratada de forma teleológica, pautada por um “desenvolvimento necessário”; segundo, ao ter a chance de ser “o ideólogo da própria vida”, pautando-se numa “intenção global” o indivíduo (auto) biografado seleciona “certos acontecimentos significativos” e estabelece entre estes “conexões para lhe dar coerência”.⁵ Vemos, pois, que estas considerações metodológicas são pertinentes, já que não se pode descartar a possibilidade de Jacinto L. Moreira ter colaborado na produção dos textos destas fontes.

¹¹ Agradecemos a FAPERJ pelo auxílio financeiro dispensado sob a forma de bolsas, o que tornou possível a realização dessa pesquisa.

² Ver: <http://www.wsc.jor.br/jacarepagua/Efem%E9rides.htm>. Acessado em 26/02/2013.

³ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ). Fundo: DPS. Série: Panfletos. Notação: 907.

⁴ Tribuna Popular, 10/01/1947, p.3. “*Figura extremamente querida de Jacarepaguá é um dos candidatos da chapa popular*”.

⁵ Ver: BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. P.184-185. In: FERREIRA, Marieta de M; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 5ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

Por último, é preciso considerar as “coações” e “censuras” a que se submete qualquer tipo de “apresentação pública”, enquanto “oficialização de uma representação *privada*” da própria vida, como é o caso das fontes mencionadas.⁶ Ora, neste caso, as “coações e censuras” correspondem, em parte, na sua condição de homem negro e pobre nascido em fins do século XIX, da situação de ilegalidade do PCB e a relação destes com os diversos sujeitos e grupos durante o período coberto por este trabalho. Por outro lado, ao mapearmos o contexto em que viveu Jacinto, relacionando sua atuação ao “conjunto de relações objetivas que uniram o agente considerado...ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo”⁷, acreditamos poder alcançar com certo rigor analítico um quadro aproximado da realidade daquela época para poder lançar luz sobre “processos organizativos de um período sobre o qual se sabe muito pouco” e, assim, recuperar as experiências e os “modos de agir de trabalhadores” que cruzaram a trajetória de uma vida.⁸ Com isso, pretendemos dar relevo ao papel das *mediações*, de como colaboraram para dar sustentação e voz às lutas de moradores e trabalhadores de uma região⁹, e desta forma, identificar os diversos caminhos pelos quais inúmeras lutas se configuraram, se desenvolveram e foram percebidas em uma região rural da cidade do Rio de Janeiro.

Jacinto Luciano Moreira e a Colônia de Psicopata-Homens de Jacarepaguá: as trajetórias de um trabalhador e de uma instituição

Jacinto L. Moreira, negro, nasceu em 06/07/1898 na cidade de Belo Horizonte (MG) e ao se mudar para o Rio de Janeiro ingressou no que posteriormente, durante a década de 1930, veio a ser a Colônia Juliano Moreira. Jacinto entrou no serviço estatal de assistência psiquiátrica ainda jovem, provavelmente no início da adolescência, por volta da década de 1910. A trajetória profissional e institucional de Jacinto é realmente de chamar a atenção: provavelmente começou a trabalhar em uma das colônias da Ilha do Governador como auxiliar de lavoura, mas fazia também pequenos serviços de construção civil.¹⁰ Depois, com a mudança daquelas colônias da Ilha para Jacarepaguá passou a trabalhar como guarda do sanatório e vinte anos depois, em 1941 já se encontrava médico e pai de quatro filhos¹¹. Portanto, faz-se necessário uma breve contextualização do ambiente institucional em que

⁶ Idem, p.189.

⁷ Idem, p.190.

⁸ Ver p.11 de: SILVA, Bráulio Rodrigues da; MEDEIROS, Leonilde Sérvulo de (org., apres., notas). **Memórias da luta pela terra na Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2008.

⁹ Ver p.12-13 de: WOLF, Eric. **Guerras camponesas do século XX**. São Paulo: Global, 1984.

¹⁰ APERJ. Fundo: DPS. Série: Panfletos. Notação: 907.

¹¹ Idem.

Jacinto L. Moreira trabalhou no Rio de Janeiro durante a primeira metade do século XX, para conhecer um pouco mais a região e o contexto social em que se desenvolveram inúmeras lutas por melhores condições de vida. Além disso, buscaremos oferecer uma contribuição inédita e preencher uma lacuna evidente na historiografia da saúde pública da primeira metade do século XX¹²: ao articular as trajetórias de Jacinto e da instituição na qual trabalhou, daremos relevo ao papel de trabalhadores da saúde pública enquanto mediadores de diversas lutas sociais que se travaram naquela região rural do então Distrito federal, cidade do Rio de Janeiro.

O período compreendido entre fins do século XIX e as três primeiras décadas do século XX foi a “época em que a medicina psiquiátrica se desenvolveu e se institucionalizou como ciência e prática clínica no país”¹³, tendo como desdobramento institucional o modelo das colônias, empregado em inúmeros países no tratamento de diversas doenças em que a cura, na maioria dos casos, estava associada à *prática de isolamento* dos enfermos. Este tipo de terapia fundamentava-se em teorias que atribuía como causa da insanidade “os excessos da vida urbana, com os males da civilização”, e o “isolamento era medida terapêutica” capaz de reabilitar socialmente estes indivíduos.¹⁴ Neste contexto, surgiram no Rio de Janeiro duas colônias agrícolas destinadas ao tratamento de “alienados indigentes...e capazes de se entregarem a exploração agrícola e outras indústrias”¹⁵: as de São Bento e Conde de Mesquita. Certamente, foi numa destas duas colônias que Jacinto Luciano Moreira veio a se empregar como auxiliar de lavoura depois de se mudar para o Rio de Janeiro. No entanto, alguns pesquisadores apontam que desde 1891 até 1904 os diretores destas duas colônias vinham noticiando através de relatórios ministeriais o enfrentamento de sérias dificuldades operativas.¹⁶

Enquanto isso, ocorria um debate intenso sobre os novos rumos da prática psiquiátrica no país, num momento em que o *locus* de produção do saber psiquiátrico era o

¹² Ver p.38-59 de CASSÍLIA, Janis Alessandra Pereira. **Doença mental e Estado Novo: a loucura de um tempo**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, 2011. Neste trecho de sua dissertação a autora realiza um minucioso e vastíssimo balanço historiográfico sobre a bibliografia do Estado Novo e destaca-se que não há menção sobre este tipo de abordagem nas obras citadas sobre o assunto.

¹³ Idem, p.15.

¹⁴ Ver p.36 de: VENANCIO, Ana Teresa A. **Da Colônia agrícola ao hospital-colônia: configurações para a assistência psiquiátrica no Brasil na primeira metade do século XX**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 18, supl.1, dez. 2011, p.35-52.

¹⁵ Idem, p.38.

¹⁶ Idem, p.39.

‘hospício’ e não a academia.¹⁷ Neste cenário ganhava destaque os médicos Rodrigues Caldas e Juliano Moreira, este último, nomeado em 1903 diretor do Hospital Nacional de Alienados, defendeu, no início do século XX, através de periódicos científicos, ações de incentivo e expansão assistencial psiquiátrica no modelo de colônias agrícolas combinado com medidas terapêuticas de assistência heterofamiliar.¹⁸ Naquele período as unidades de assistência à saúde mental em operação já se encontravam saturadas e a combinação da assistência heterofamiliar com a praxiterapia agrícola propunha a substituição de uma proposta em decadência por outra que ao mesmo tempo em que criticava os “hospícios já obsoletos e inchados do início do século XX, baseava-se na “máxima liberdade proporcionada pelo trabalho ao ar livre e pelo tratamento heterofamiliar, concedendo casas para alguns de seus empregados” a fim de que os mesmos proporcionassem aos pacientes a oportunidade de contato com pessoas “normais e sadias” através do convívio familiar.¹⁹



Autoridades, pacientes e funcionários caminhando pelas redondezas da Colônia Juliano Moreira durante inauguração de treze novos pavilhões. Fonte: Revista da Semana, 21/05/1938.

Rodrigues Caldas, que em 1912 atuava no cargo de diretor das duas colônias agrícolas de assistência a alienados da Ilha do Governador, fez coro às propostas de Juliano Moreira e articularam juntos com o Ministro da Justiça a desapropriação de uma fazenda num subúrbio rural da cidade do Rio de Janeiro, que abrigaria aquelas duas colônias dentro das propostas de praxiterapia agrícola combinada com assistência heterofamiliar.

¹⁷ Ver p.2 de CASSÍLIA, Janis Alessandra; VENANCIO, Ana Teresa A. **História da política assistencial à doença mental (1941-1956): O caso da Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro.** Trabalho apresentado no XXIV Simpósio Nacional de História da Associação Nacional de História – ANPUH: São Leopoldo, 2007.

¹⁸ VENANCIO, op.cit, p.39-40.

¹⁹ Ver p.2 em: POTENGY, Gisélia F.; HOPPE, Sigrid. **A idealização do passado em uma instituição total.** Trabalho apresentado na XVII Conferencia Internacional de Historia Oral “Los retos de la historia em el siglo XXI. Diversidades, desigualdades y la construcción de identidades. Buenos Aires, 2012. Para uma análise mais detalhada ver CASSÍLIA, op. Cit. P. 86.

Localizada nas terras da fazenda do Engenho Novo da Taquara, na Baixada de Jacarepaguá, em 1924, numa área de “150 alqueires, incluindo-se matas, vargens, rios, cachoeira, represa e benfeitorias” e contando com “15 pavilhões, refeitório, cozinha, lavanderia, farmácia, enfermaria”, surgia a Colônia de Psicopatas-Homens de Jacarepaguá, que fundamentava-se na “praxiterapia nas atividades agrícolas e assistência heterofamiliar”, concedendo “casas para alguns de seus empregados a fim de que os mesmos proporcionassem aos pacientes a oportunidade do convívio familiar”.²⁰ Destaco aqui a proposta da terapia heterofamiliar, pois o fato de a Colônia de Psicopatas-Homens de Jacarepaguá ter implantado e estimulado o convívio “irrestrito” entre doentes mentais e famílias “sadias” e “normais” nos permite fazer algumas considerações sobre a vida de Jacinto Luciano Moreira.

Ora, considerando as informações contidas nos relatos sobre a trajetória de vida de Jacinto L. Moreira desde sua atuação profissional nas colônias da Ilha do Governador até sua transferência para Jacarepaguá dentro do contexto por nós delineado acima, cogita-se que Jacinto possivelmente se encontrava casado e com filhos à altura de sua transferência para Jacarepaguá, tendo em vista a proposta da Colônia de Jacarepaguá em exercer o tratamento heterofamiliar. Reforçando esta hipótese, ressalte-se que em 1941 Jacinto já possuía quatro filhos e, além disso, provavelmente, diversos funcionários como ele devem ter mudado de categoria profissional ao efetuarem a transferência de um local para outro. Portanto, a trajetória de Jacinto Luciano Moreira dá indícios de coincidir bastante com as exigências de perfil de funcionários da proposta das unidades estatais de assistência à saúde mental da primeira metade do século XX, baseadas na praxiterapia agrícola e no tratamento heterofamiliar dos enfermos internados. As décadas de 1930, 40 e 50 corresponderam a um período de mudanças na organização administrativa dos órgãos de assistência à saúde mental no Rio de Janeiro e no Brasil. Analisando as décadas de 1930 e 40 a partir do estudo de caso da Colônia de Psicopatas-Homens de Jacarepaguá, renomeada Colônia Juliano Moreira em 1935 em homenagem póstuma ao médico-psiquiatra de mesmo nome, Venâncio conclui que a desativação de um dos principais hospitais psiquiátricos da capital federal daquela época e a conseqüente necessidade de ampliação da capacidade física e assistencial pública da população por todo país foram decisivos para dar contornos à política assistencial psiquiátrica daquele período de após 1930.²¹

Neste cenário, o Serviço de Assistência a Psicopatas do Distrito Federal (SAP-DF) passou para a guarda do Departamento Nacional de Saúde (DNS), submetido ao Ministério

²⁰ VENANCIO, op.cit., p.40-41.

²¹ VENANCIO, op.cit., p.49.

da Educação e Saúde, e a Colônia Juliano Moreira (CJM) começava, em 1936, com a construção do primeiro núcleo feminino (Franco da Rocha) o processo de expansão física a partir do “modelo pavilhonar” e a diversificação dos serviços terapêuticos começara um ano antes com o início do atendimento a população do sexo feminino.²² Em 1941, o SAP-DF e o Divisão de Assistência a Psicopatas fundem-se no Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM), criado para gerenciar a expansão dos serviços de saúde mental em todo o território nacional a partir do Plano Hospitalar Psiquiátrico, elaborado a partir de um inquérito realizado entre os anos de 1937-41. A frente do SNDM desde sua criação, Adauto Botelho comandou, através da aplicação das diretrizes daquele Plano, o processo de implantação do modelo institucional hospital-colônia em diversos estados do país, cuja proposta fundamental era “aproveitar todos os investimentos já feitos nas instituições de tipo colônia, com a manutenção tanto de suas estruturas físicas e recursos terapêuticos...somando-se à sua vocação original novas técnicas de tratamento.”²³ No caso da CJM, o processo de expansão daquela instituição já estava em curso desde 1935-36 com a diversificação da assistência, ampliada para a população feminina e com a conseqüente construção de um núcleo destinado a abrigar este novo contingente populacional. Assim, desde fins da década de 1930 até meados da década de 40 diversos periódicos e revistas passaram a estampar notícias e reportagens sobre o processo de expansão em curso na CJM.

O resultado desta política descrita acima consistiu na estruturação de um “complexo hospitalar, ocupando área física considerável...formado por pavilhões e outras unidades assistenciais” que associavam modernas técnicas de terapia à praxiterapia da lavoura, não se restringindo, portanto, à ampliação do atendimento à população feminina: a CJM passou a atender alcoolistas, tuberculosos, adolescentes e crianças de ambos os sexos; no caso dos doentes mentais, estes subdividiam-se em crônicos e subagudos.²⁴ Se relacionarmos todo este contexto com a trajetória do no nosso biografado, somos levados a cogitar que o período descrito acima correspondeu a um ou sucessivos enquadramentos dos funcionários daquela instituição, sendo a possibilidade de mudança hierárquica de postos de trabalho, verificada através da trajetória institucional de Jacinto L. Moreira, um forte indicio deste enquadramento²⁵: tendo iniciado como guarda de 3ª classe na Colônia logo após a transferência desta instituição para Jacarepaguá em 1924, até 1941, conciliando estudos e

²² Idem, p.44.

²³ Idem, p.46.

²⁴ CASSÍLIA, op.cit., p.87.

²⁵ A formulação desta hipótese para o caso de Jacinto L. Moreira foi inspirada nas discussões do grupo de estudos sobre a Colônia Juliano Moreira e Jacarepaguá, que se reúne periodicamente desde agosto de 2012 no Campus Fiocruz da Mata Atlântica, no atual bairro da Colônia, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

trabalho, Jacinto chega ao cargo de guarda de 1ª classe, quando já se encontrava formado em medicina.²⁶

Novas instalações e estruturas sociais foram construídas ao longo da década de 1940 e 50, como diversos pavilhões e núcleos de prédios, bloco médico-cirúrgico, pupileira, biotério, um novo necrotério, forno de incineração, expansão do tratamento heterofamiliar com a construção de novas residências para funcionários e seus familiares, centro desportivo, oficinas, cinema, estação de rádio, etc. indicam que a proposta do hospital-colônia se não consistia, ao menos impulsionou na formação de uma comunidade interna.²⁷ Com efeito, já desde a década de 1940, morava na CJM um grande número de funcionários daquela instituição, cujas famílias serviam a normalização do convívio dos doentes, dando aquele local aspecto de uma “verdadeira cidade”, pois eram inúmeros as estruturas sociais destinadas à este tipo de população: “Escola Primária Municipal para filhos dos servidores, a Cooperativa de Consumo, o Posto de Puericultura ‘Maria Solange’, o Curso de Educação de Adultos, o Clube Atlético da CJM, um centro de estudos psiquiátricos (CeBEP)” e uma entidade social que atuava em prol da população ali instalada, funcionários, moradores e pacientes.²⁸

200



Getúlio Vargas e Gustavo Capanema em solenidade de inauguração de leitos na Colônia Juliano Moreira.
Fonte: Jornal A Batalha, 01/09/1940.

Complementando esta “vida social” fervilhante, ocorria regularmente na CJM diversas festas religiosas destinadas à adultos e crianças (Natal, primeira comunhão, novena

²⁶ APERJ. Op.cit.

²⁷ CASSÍLIA, op.cit., p.90-91.

²⁸ CASSÍLIA; VENANCIO, op. Cit., p.6.

e celebrações de missas) e civis (Ano Novo); havia também um parque infantil com diversos brinquedos.²⁹ Para somar neste rol de espaços de convivência, incluímos a existência dentro da Colônia Juliano Moreira, pelo menos entre 1945 e 1947, uma *célula* do Partido Comunista Brasileiro chamada *23 de outubro* cujo secretário político era Jacinto Luciano Moreira.³⁰ Este cenário social e político bastante intenso, era resultado, em parte, da proposta de tratamento heterofamiliar. Assim, este aspecto de “núcleo urbano” fora “alavancado” devido às propostas assistenciais de “tratamentos mais socializantes” pautados na terapia heterofamiliar e implementados na CJM ao longo das décadas de 1930, 40 e 50, período em que a instituição reproduziu um ambiente social que pode diluir “os sentidos de isolamento e internamento próprios de lugares asilares”.³¹

No caso da CJM foram, portanto, os funcionários que tomaram parte da proposta de tratamento heterofamiliar, morando e trabalhando naquela instituição, que puderam dar este aspecto dinâmico à vida social do lugar, que chegou, inclusive a organizar uma cooperativa de consumo e a pleitear “reivindicações como melhoria de transportes e estradas.”³² Se considerarmos que em 1947, em reportagem publicada no jornal *Tribuna Popular*, Jacinto era apresentado médico da Colônia Juliano Moreira e candidato a vereador pelo PCB pleiteando para a região: “terra para os trabalhadores agrícolas”, “uma estrada ligando Jacarepaguá à Grajaú”, “linha de ônibus de Jacarepaguá ao centro da cidade” e diversas linhas de bonde ligando as diversas localidades da região, além de hospital, pronto-socorro, escolas, mercados abastecedores,³³ percebemos que Jacarepaguá era uma região que por volta de meados do século XX já possuía diversas frentes de lutas e reivindicações para melhoria das condições de vida da população trabalhadora. E que, além disso, figuras como Jacinto L. Moreira se destacavam como mediador destas lutas e reivindicações.

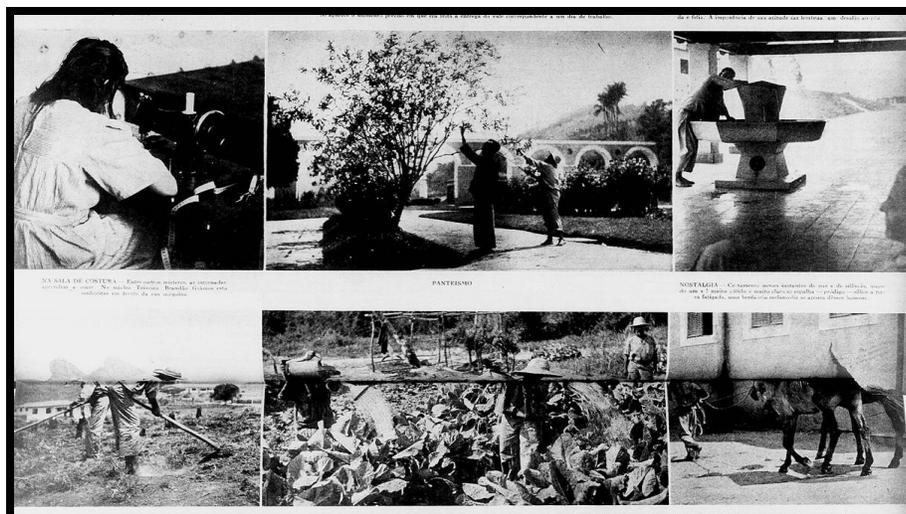
²⁹ Idem, p.7.

³⁰ APERJ. Fundo: DPS. Série: Panfletos. Notação: 907. Ver também: *Tribuna Popular*, 10/01/1947, p.3.

³¹ CASSÍLIA; VENANCIO, op. Cit., p.8.

³² CASSÍLIA, op.cit., p.91.

³³ “*Figura extremamente querida em Jacarepaguá é um dos candidatos da chapa popular*”, *Tribuna Popular*, 10/01/1947, p.3.



Cenas da praxisterapia na Colônia Juliano Moreira: abaixo, atividades agropecuárias. Fonte: Revista da Semana, 17/10/1942.

Deste modo, considerando as colocações acima, cabe a gora fazer as seguintes indagações: o que era, então, Jacarepaguá na primeira metade do século XX? E as principais reivindicações da população daquela região era mediada por quais agentes e articulada de que forma para atingir os canais competentes? Em outras palavras, como era a atuação do PCB na região de Jacarepaguá naquele período e quem eram os principais militantes deste partido que atuavam nas lutas e reivindicações da população trabalhadora local? Como eram as principais formas de luta e organização dos trabalhadores para conseguir ter êxito em suas reivindicações? A parte seguinte do texto busca dar respostas e estas e outras questões que atravessaram regiões rurais da cidade do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX.

A atuação do PCB em Jacarepaguá

O PCB atuava consideravelmente na região de Jacarepaguá e na antiga zona rural do Rio de Janeiro como um todo por meio de três formas: organizações (ligas, associações, sindicatos, células), congressos e militantes (os quais eram os articuladores dos elementos anteriores). Eram dois os principais tipos de organização política na década de 40, 50 e 60: as cooperativas, bem mais antigas, que em sua maioria datavam da década de 30³⁶ e, principalmente, as Ligas Camponesas, surgidas a partir de 1946, que eram patrocinadas pelo PCB, mas que em seu início contavam com apoio de diversos partidos, até mesmo da UDN.

³⁶ Relatório do Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1933. p. 257.

Dentre as primeiras podemos destacar a Cooperativa Agrícola de Bangu, a Cooperativa dos Agricultores de Campo Grande, a Cooperativa dos Policultores de Santa Cruz e a Cooperativa de Agricultores e Criadores de Jacarepaguá. Não temos disponível nenhuma documentação produzida por essas entidades, não sendo possível, portanto, averiguar o perfil social delas. Sabemos que foram criadas quase todas pelo Ministério da Agricultura na primeira metade da década de 30. Como nos informa Sônia Mendonça, o DF até 1935, mesmo sendo “difícilmente palatável enquanto núcleo de cooperativas agrícolas”, era a terceira unidade da federação com maior número de cooperativas registradas.³⁷ Quase nada temos também a respeito de sua atuação. Sabemos que algumas delas estavam envolvidas nas discussões dos problemas dos pequenos lavradores. A Cooperativa de Agricultores de Jacarepaguá, por exemplo, organizava reuniões com lavradores da Fazenda Curicica para a discussão em torno da questão da propriedade daquelas terras.³⁸ Entre as teses aprovadas no documento final da I Conferência dos Lavradores do Distrito Federal (1953), constava a “Tese n. 12”, de autoria de Álvaro Fernandes, da Cooperativa Agrícola de Bangu. Nela, defendia o “transporte direto das fontes de produção aos centros de consumo; venda direta ao consumidor; preferência nos mercados, mercadinhos e locais de venda, isenção de taxas e impostos”.³⁹

Outra forma de organização eram as Ligas Camponesas. Sua criação significava para o PCB a implementação de uma estratégia nacional de intervenção no campo. Segundo Irineu Luís de Moraes, ex-militante comunista, a primeira criada foi a Liga Camponesa de Dumont em fins de 1945. Para outros, a primeira teria sido a Liga Camponesa de Iputinga (Pernambuco). No DF, a primeira a ser constituída foi a Liga Camponesa do Sertão Carioca (LCDF) em meados de 1946.⁴⁰ De modo a facilitar a participação de lavradores de diferentes localidades nas discussões da LCDF, criaram-se Ligas subsidiárias em cada localidade: as Ligas Camponesas de Jacarepaguá e Vargem Grande surgiram dessa forma.

Mas a década de 50, logo em seu início, testemunharia o surgimento das Associações de Lavradores, que seriam até a década de 60, a principal forma associativa dos lavradores do Sertão Carioca. Depois do desaparecimento das Ligas em 1947, a primeira organização desse tipo criada foi a Associação de Lavradores da Fazenda Coqueiros (ALFC) em 1951. Entre as suas principais lideranças estavam Heitor da Rocha Faria (advogado da

³⁷ MENDONÇA, Sônia Regina. **A política de cooperativização agrícola do Estado brasileiro (1910-1945)**. Niterói: EDUFF, 2002. p. 76.

³⁸ **Anais da Câmara dos Vereadores do Distrito Federal**, 19/03/1947. p. 195.

³⁹ “1º Congresso dos Lavradores do Distrito Federal” - Fundo DPS/APERJ, nº 1881.

⁴⁰ APERJ. Fundo DPS. Série Dossiês: “Boletim Reservado nº 106 (14/06/51)”.

organização) e Lyndolpho Silva (futuro fundador da ULTAB), todos militantes do PCB. Apesar dessa ligação com os comunistas, a ALFC desenvolveria uma política de atuação que atrairia o apoio de outros grupos (PSB, PTB, os jornais *O Popular*, *O Radical*, *Luta Democrática*, *Última Hora* etc.). A ALFC seria a principal responsável pela realização do I Congresso dos Lavradores do Distrito Federal, que, segundo a imprensa comunista, teria despertado o “maior interesse” entre os lavradores, além de deputados, vereadores e outras personalidades. Certamente, pois a polícia política acompanhava com igual interesse todas as etapas deste Congresso, já “que os comunistas pretendem[diam]...agitar os debates com a habitual e desenfreada demagogia”. Na verdade, segundo o *Imprensa Popular*, o objetivo de “dezenas de camponeses do Sertão Carioca, escolhidos por seus companheiros em assembléias e reuniões” era simplesmente, “na base do debate”, discutir “as questões que mais avulta[va]m aos camponeses”, como concessão de crédito aos pequenos lavradores e a posse da terra.⁴¹ Os participantes ao final do evento, com o intuito de estabelecer uma frente comum de luta entre os lavradores cariocas, fundariam a Associação dos Lavradores do Sertão Carioca.

Ao mesmo tempo em que aumentava a frequência das ações de protestos dos lavradores, tinha-se o aumento do número de suas organizações. Em novembro de 1956, já faziam companhia às organizações acima mencionadas a Associação Rural de Jacarépaguá, a Associação de Lavradores de Guaratiba, a Associação de Lavradores e Posseiros de Piaí (Sepetiba), a Associação de Lavradores de Campo Grande e a Associação de Lavradores de Mato Alto. Há que se destacar, portanto, o processo de gênese dessas associações: quase todas surgem em localidades envolvidas em conflitos e disputas de terras. A linguagem e a identidade enunciadas por meio das ações de tais entidades eram forjadas em estrita oposição à figura do “grileiro”.

O surgimento das Associações de Lavradores e o desenvolvimento de várias iniciativas por parte delas influenciou na alteração da funcionalidade de outras organizações. A Colônia de Pescadores de Pedra de Guaratiba que financiou a defesa jurídica dos lavradores da região que lutavam contra Pedro Moacir e os do A.B.C. O próprio Sindicato dos Empregadores Rurais do vereador João Luiz de Carvalho viu-se na obrigação de tomar medidas capazes de fazer frente à competição feita por aquelas associações. Nesse contexto, a prestação de assistência médica e dentária já não tinha o mesmo poder de atração de antes. O SERDF, como exemplo, prontamente se disponibilizou a oferecer ajuda aos lavradores do

⁴¹ *Imprensa Popular*, 01/07/53, p. 3.

Medanha quando das operações da Marinha em 1952. Foi o próprio João Luiz (como pudemos verificar anteriormente) que enviou o telegrama ao Ministro da Marinha para pedir esclarecimentos. Em maio de 1954, o SERDF conseguia uma audiência no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, com o presidente Getúlio Vargas para entrega de um memorial, na qual solicitava maior ajuda financeira para a lavoura do DF. Até 1964, o SERDF continuaria sendo o único sindicato reconhecido pelo Ministério do Trabalho, embora tenha sido significativo o esforço por parte de lavradores e lideranças em conseguir fazer com que outras organizações tivessem o reconhecimento do Ministério do Trabalho.

Com a regulamentação da sindicalização no campo promovida pelo governo de João Goulart em 1963, as Associações de Lavradores (sociedades civis com simples registro em cartório) buscaram se converter em Sindicatos reconhecidos pelo Ministério do Trabalho, ou seja, em organizações respaldadas pelo reconhecimento oficial.⁴² Contudo, essa era uma reivindicação que remontava aos meados da década anterior: em 1955, por exemplo, o Ministério do Trabalho acolhia um processo da Associação dos Lavradores do Sertão Carioca, com sede no Mendanha, que pedia o seu “reconhecimento” como sindicato.

No ano seguinte, era a vez da Associação dos Trabalhadores Rurais Autônomos Profissionais, com sede em Campo Grande, fazer o mesmo. O ano de 1961 já havia chegado e essas entidades ainda não tinham ganho sua “Carta Sindical” (documenta que formalizava este tipo de reconhecimento). Iniciada a “onda da sindicalização rural” dois anos depois, outras associações buscaram seguir o exemplo daquelas duas.⁴³ A idéia era criar um sindicato para cada uma das categorias de trabalhadores rurais presentes no Sertão Carioca, como “posseiros”, “arrendatários”, e até mesmo “assalariados” e “pequenos proprietários”. As medidas para isso estavam sendo tomadas. Em dezembro de 1963, a Associação Rural de Jacarepaguá convidava “posseiros” e “arrendatários” da Guanabara para “a grande *assembléia*”, num domingo, “às 17 horas”, com vistas à criação de um Sindicato dos respectivos grupos. “Nos seguintes domingos” (01 e 08 de dezembro), pretendia-se criar os sindicatos de “assalariados” e “pequenos proprietários”.⁴⁴ O Golpe de 1964 pôs fim a essas pretensões.

Em relação ao papel dos militantes falaremos com mais detalhes do médico Jacinto mais adiante. As notas que se seguem se referem aos militantes em geral. No caso do Sertão

⁴² Esse fenômeno também se dá com as Associações de lavradores do Estado do Rio, ver GRYNSPZAN, Mário. “Ação política e atores sociais: posseiros, grileiros e a luta pela terra”, in: **Dados**, v. 33, nº 2, 1990. p. 123.

⁴³ Segundo Octávio Ianni, havia ao todo 5 sindicatos que esperavam pela Carta Sindical em dezembro de 1963 - **O colapso do populismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 92.

⁴⁴ APERJ. Fundo DOPS. Série Comunismo: “Associação Rural de Jacarepaguá”, Dossiê nº 24. fl. 2.

Carioca, há poucas informações sobre a forma como se davam os primeiros contatos de militantes, especialmente os comunistas, com os pequenos lavradores. O que se tem são indícios que nos levam a acreditar que os espaços tradicionais de sociabilidade da região tinham importante papel no contato entre eles. Um primeiro conjunto de indícios se refere ao contato que esses lavradores tinham com outros agentes. Era num armazém ou num botequim que os lavradores travavam os primeiros contatos com jornalistas, como foi o caso dos repórteres do jornal comunista *Imprensa Popular*, encarregados de apurar informações sobre a ameaça de despejos contra dezenas de famílias de lavradores da localidade do Rio da Prata do Mendanha. Todos os lavradores que a reportagem entrevistou estavam reunidos no armazém da estrada do Guandu do Sena. Foi também no quintal do armazém de José Maria Garcia, que um juiz teria reunido todos os “sitiantes” da fazenda Curicica para lhes notificar publicamente sobre sua decisão envolvendo o litígio entre pretensos proprietários naquele lugar.⁴⁵ Penso que isso também se desse no caso dos militantes da “cidade”.

Lyndolpho Silva, destacada liderança sindical (foi um dos fundadores da ULTAB e posteriormente da Contag) e que começou sua militância no Sertão Carioca junto aos “posseiros” da fazenda Coqueiros, em Santíssimo, destaca a importância de outros espaços de sociabilidade (“vendas”, festas, quermesses) para a arregimentação de lavradores: “fazia-se uma reunião com dois ou três deles na fazenda, aqueles que já aceitavam mais nossos contatos realizados num encontro no botequim, no dia da compra, nas festas, na quermesse, nos pontos de aglutinação dos centros maiores.” Lembra ainda que também faziam contato com os lavradores nos bailes e “festinhas de aniversário”, nas feiras, quando iam beber a “sua pinga” e no futebol.⁴⁶

Os associados da Liga Camponesa de Jacarepaguá, entidade ligada ao PCB, talvez tivesse essa intenção, além de arrecadar fundos para a Campanha Pró-*Imprensa Popular*, ao organizarem uma “grande feira-livre” na Praça Seca, em meados de outubro de 1946, para a venda de gêneros produzidos por “camponeses, sitiantes, fazendeiros e criadores”. Ademais, esta feira, ao colocar em contato direto produtores e consumidores, eliminando a presença de “intermediários”, seria uma experiência e demonstração prática “das vantagens das cooperativas de produção”. É muito provável que isso também ocorresse com outros tipos de evento no Sertão Carioca, pois condições havia para isso. Temos, por exemplo, poucos, mas

⁴⁵ BRAZIL, Etienne. *A fazenda de Santo Antonio da Curicica*. Rio de Janeiro: s.n.t., 1953. p. 16.

⁴⁶ SILVA, Lyndolpho. “Entrevista a Luiz Flávio Carvalho, 1996”. *Revista do CPDA*, pp. 83-4. Um espaço também utilizado na Baixada Fluminense para esse tipo de atividade foi o “terreiro”. José Pureza diz que se aproveitou da grande afluência de trabalhadores que iam ao “terreiro” que dirigia para começar o trabalho de arregimentação para a Comissão de Lavradores, uma organização também por ele criada em Xerém. PUREZA, José. *Memória camponesa*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. pp. 21-2.

preciosos relatos deixados pela própria polícia política da época. No final de 1943, alguns de seus agentes diziam ter tomado conhecimento sobre “reuniões suspeitas” que ocorriam no Club Jacarepaguá, localizado no Largo do Pechincha.⁴⁷ Em outro clube, o presidente do Nova Estrella, localizado também em Jacarepaguá, teria no final da década de 40 “a pretexto de bailes e festas” reunido “elementos do extinto *Partido Comunista*”, os quais também vendiam jornais comunistas como *Voz Operária* e *A Cidade* “à vontade” na Praça Barão da Taquara (atual Praça Seca). Era comum, na década de 60, que eventos promovidos pela Associação Rural de Jacarepaguá fossem realizados na sede do Jacarepaguá Tênis Clube, como foi o caso da *Conferência* organizada por lavradores do bairro, “apoiados por todo o povo”, para discutir “todos os seus problemas”. Eros Martins Teixeira, antigo militante do PCB, informa-nos que o partido realizava muitas festas para arrecadar fundos em sítios que pertenciam a lavradores, os quais também eram militantes do PCB. Cita os exemplos dos “lavradores” Resende, de Sepetiba; Zé Neto, de Campo Grande; e de Gonzaga e Zulamar Bonozo.

Lyndolpho Silva diz que para fazer contato o militante às vezes se passava por vendedor ou mascate: “Entrávamos com um badulaque, vendendo linha, agulha, e ficávamos como vendedores até escurecer”.⁴⁸ Pedro Coutinho Filho, um dos militantes do PCB mais atuantes na região, parecia ter um conhecimento razoável desse tipo de técnica. A polícia política afirmava, por exemplo, que para “melhor difundir a doutrina comunista”, ele tinha sido “encarregado, em abril de 1947, de instalar aparelhos de calda de cana e bancas de jornais nas proximidades de quartéis e fábricas”.⁴⁹ Assim como Lyndolpho não deixa claro se chegou a fazer aquele tipo de contato no Sertão Carioca, não podemos assegurar também que Pedro Coutinho tenha utilizado esse tipo de recurso junto a fazendas e sítios da região. Contudo, também pensamos ser muito provável que esse tipo de iniciativa tenha ocorrido por lá. O contato também podia se dar via *célula*, pequena unidade organizativa, de âmbito bem restrito que o PCB estabelecia em fábricas, bairros e ruas. Tal fato é bastante elucidativo se compararmos este tipo de organização com os Comitês Populares ou Democráticos de bairros, pois a *célula* parece ser uma unidade organizacional de âmbito restrito, com inserção limitada a sujeitos com afinidades políticas e que atuam num mesmo local de trabalho ou de moradia. Havia muitas delas no Sertão Carioca, principalmente em Campo Grande e Jacarepaguá, como veremos a seguir no caso do Jacinto L. Moreira.

⁴⁷ APERJ. Fundo DOPS. Série Comunismo – Dossiê nº 7. Coincidentemente, poucos anos depois, a Liga Camponesa do Distrito Federal, ligada ao PCB, teria sua sede estabelecida neste mesmo local.

⁴⁸ SILVA, Lindolpho. Op. cit. p. 84.

⁴⁹ APERJ. Fundo DOPS – Série Informações: “memorando nº 69/62”.

Jacinto Luciano Moreira, “o filho do povo”: mediação e lutas sociais no Sertão Carioca

A atuação de Jacinto Luciano Moreira não diferiu muito das atuações dos militantes acima listados, uma das razões possíveis deve ser que tanto Jacinto, quanto Heitor Rocha Faria, Pedro Coutinho Filho e Lyndolpho Silva atuaram durante o mesmo período na mesma região, o Sertão Carioca e junto dos mesmos sujeitos: lavradores, posseiros e pescadores. Assim, as lutas e reivindicações mediadas por Jacinto, Pedro, Heitor e Lyndolpho eram, em sua maioria, ligadas às necessidades e condições de vida que aqueles sujeitos e grupos sociais atravessavam naquele momento.

208



“Santinho” do candidato Jacinto quando da eleição municipal carioca de 1947. Fundo DPS/Jacarepaguá. APERJ.

Como vimos em sua trajetória institucional, Jacinto L. Moreira atuou como secretário político da *célula 23 de outubro* do PCB, estruturada em seu local de trabalho, na Colônia Juliano Moreira, onde trabalhou desde a adolescência até a fase adulta. A atuação de Jacinto no PCB iniciou em 1945 quando ele ingressa neste Partido⁵⁰ de acordo com “santinho eleitoral” apreendido pela polícia política do DF por volta de meados da década de 1940 e também conforme o texto de reportagem do jornal *Tribuna Popular* de 10/01/1947. Buscaremos mapear a trajetória militante de Jacinto basicamente por meio destes dois tipos de fontes: materiais apreendidos pela polícia política do DF e reportagens e notas publicadas em jornais de época. Embora reconheçamos ser impossível reconstruir toda a trajetória militante de Jacinto, acreditamos poder indicar em linhas gerais os modos de atuação deste

⁵⁰ APERJ. Fundo: DPS. Série: Panfletos. Notação: 907 e *Tribuna Popular*, 10/01/1947, p.3. “*Figura extremamente querida de Jacarepaguá é um dos candidatos da Chapa Popular*”.

quadro do PCB, destacando sempre seu papel de mediador, dando relevo às lutas das quais ele participou.

A descrição que é feita sobre a trajetória de Jacinto L. Moreira é de um homem que apesar das adversidades conseguiu ter uma inserção profissional de considerável importância: homem negro, filho de operários, começou a trabalhar ainda menino em ocupações de ajudante profissional e ao conseguir emprego no serviço público federal, buscou conciliar a profissão e a vida de pai de família com estudos noturnos até se formar médico. Esta trajetória é amplamente explorada em seu ‘santinho eleitoral’ e na reportagem mencionada, sendo textos que narram a vida de Jacinto antes de sua entrada no PCB, busca pontilhá-la com tons de simpatia por este Partido, pois teria contribuído com o Socorro Vermelho e “acompanhado com entusiasmo” o levante de 1935 da ANL, possuindo, assim, certa inclinação por uma atividade militante e atitude abnegada em relação ao povo trabalhador e à causas ‘humanitárias’.

Sobre sua relação com a população da região onde mora, estes textos citam Jacinto como uma pessoa humilde, atenciosa e de “coração bom de homem do povo”, que mesmo sendo médico, nas horas vagas pedalava de bicicleta para atender “carinhosamente os moradores pobres de Jacarepaguá”, que reconhecem naquele doutor um verdadeiro “componente da família operária e camponesa”, pois não se dirige a estes para “explorá-los ou enganá-los”.⁵¹ Assim, sendo textos que possuem o objetivo de apresentar *publicamente* Jacinto, um candidato do PCB ao Conselho Municipal da cidade do Rio de Janeiro para as eleições de início de 1947, é preciso analisar criticamente as fontes e identificar as intenções de delinear um perfil de militante das causas populares.

Entretanto, se metodologicamente é importante questionar a intencionalidade de textos que apresentam perfis públicos, no caso de Jacinto verifica-se, de fato, sua presença como apoiador e militante das lutas e reivindicações de segmentos espoliados daquele Sertão Carioca. Garantindo defender o programa mínimo do PCB no parlamento caso eleito, Jacinto enumera uma série de medidas que visam amenizar a luta cotidiana de famílias de lavradores, pescadores e operários do Sertão Carioca: “facilitação de terra aos trabalhadores agrícolas”; “um mercado de varejo para servir aos consumidores locais”; “um grande mercado de abastecimento, onde lavradores da zona ofereçam seus produtos a quitandeiros e demais revendedores” eliminando a figura do intermediário, pois “até o Recreio dos Bandeirantes, ao longo de 30 quilômetros de estradas, há terras ocupadas por pequenos

⁵¹ idem.

lavradores, chacareiros em sua maioria”; escolas para filhos de pescadores da Barra da Tijuca; ampliação de linhas de bonde para circular pelas principais localidades de Jacarepaguá; construção de um Hospital Geral e Pronto-Socorro; etc.⁵² Estas medidas, a princípio, podem ser questionadas por serem mera retórica de oportunismo eleitoral. Porém, a verdade é que Jacinto acompanhava pelo menos desde início de 1946 os principais problemas enfrentados por aqueles lavradores do Sertão Carioca, isto sem mencionar que a área da Colônia Juliano Moreira fora uma fazenda e lá se praticou durante décadas a praxisterapia agrícola. Em abril daquele ano, Jacinto L. Moreira, juntamente com Pedro Coutinho Filho e outras figuras, teriam participado de uma “grande assembleia dos lavradores locais” realizada na avenida Cândido Benício, 2336, cuja discussão principal era o “caso das terras devolutas e o direito de posse dos pequenos produtores espoliados”⁵³

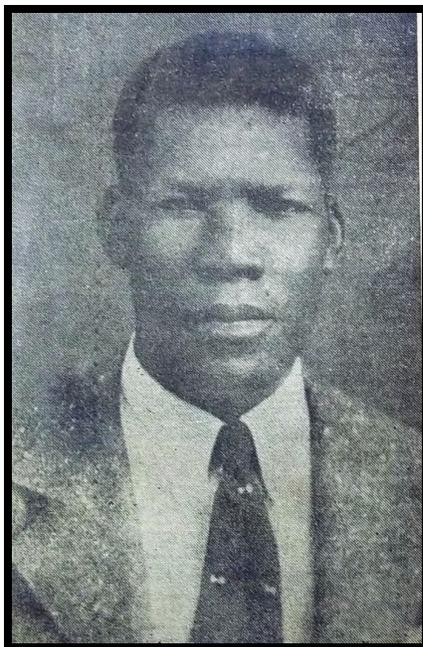
210

Numa outra reportagem do mesmo ano, publicada no jornal Tribuna Popular, Pedro Coutinho Filho, presidente do Centro Democrático e Progressista de Jacarepaguá, comentando sobre os “camponeses que vêm lutando organizadamente há muito tempo”, tendo, por isso, conseguido “grandes vitórias”, reforça, a seu ver, a importância deste grupo utilizar as eleições como recurso tático para alcançar outras “muitas e mais significativas” conquistas. Para isso, continua P. Coutinho, é preciso que os camponeses sufraguem nas urnas durante as eleições de janeiro de 1947 o nome de Jacinto L. Moreira, pois ele, “ao lado dos demais candidatos da Chapa Popular, formando a maioria no Conselho Municipal, tratarão imediatamente do problema da terra”, do crédito agrícola “àqueles que de fato trabalham a terra” e “demais problemas ligados diretamente à lavoura”.⁵⁴

⁵² Idem.

⁵³ **A Noite**, 13/04/1946, p.10. “Uma grande reunião de lavradores em Jacarepaguá”.

⁵⁴ **Tribuna Popular**, 29/12/1946, p.4. “Apoiam os camponeses aos candidatos da Chapa Popular”.



Outro “santinho”. Fundo DPS/Jacarepaguá. APERJ.

Além disso, havia o costume naquele período de organizar festas eleitorais e comícios de apoio a candidaturas de vereadores, senadores e deputados, com o propósito de aproximar os candidatos ao parlamento das suas bases sociais de apoio eleitoral, neste caso, operários, lavradores, posseiros, pescadores, sitiantes e chacareiros. Destas festas, Jacinto também tomou parte, como “Reveillon” em homenagem aos candidatos da chapa popular, comícios e festas eleitorais do PCB em diversas localidades: Vila Valqueire, Madureira, Praça Seca, etc.⁵⁵ No pleito eleitoral de janeiro de 1947, Jacinto L. Moreira não obteve votos suficientes para ingressar no Conselho Municipal dos anos seguintes, porém isto não levou a que desistisse de continuar atuando em organizações e movimentos sociais. No início do ano seguinte, Jacinto, atuando como Presidente da Cooperativa de Consumo dos Servidores da Colônia Juliano Moreira, convocava reunião geral ordinária para tratar de assuntos ligados aquela organização.⁵⁶ Mais tarde, já em meados de 1952, Jacinto aparecia mais uma vez atuando em um movimento social de sua categoria profissional, a dos médicos, reconhecendo o uso “indiscriminado e universal da arma bacteriológica” e apelando “para que essa arma” fosse “proibida pelos governos de todos os povos”, protestando “contra o governo” que a utilizasse.⁵⁷ Jacinto Luciano Moreira faleceu dez anos depois, no ano de

⁵⁵ *Tribuna Popular*, 25/12/1946, p.7; *Tribuna Popular*, 10/01/1947, capa.

⁵⁶ *Diário de Notícias*, 27/01/1948, 1ª seção, p.7. Nota da Cooperativa de Consumo dos Servidores da Colônia J. Moreira.

⁵⁷ *Imprensa Popular*, 14/05/1952, capa. “*Médicos do Distrito Federal Protestam Contra o Emprêgo da Arma Microbiana*”

1962 após quase 20 anos de atuação nas lutas sociais que atingiram a preocupação de homens de seu tempo.

Conclusão

A partir do exposto acima, não é difícil concluir que ao mesmo tempo em que atuava participando de assembleias e reuniões, conhecendo e apoiando as lutas e reivindicações de lavradores, pescadores e demais categorias de trabalhadores ‘espoliados’ do Sertão Carioca, Jacinto L. Moreira buscava se legitimar enquanto mediador e porta-voz no Conselho Municipal do DF daqueles setores da antiga zona rural da cidade do Rio de Janeiro, tentando formar naquela região sua base social de sustentação eleitoral para o pleito municipal de 1947. Estas considerações tanto mais se confirmam se levarmos em conta as localidades, raio de atuação de Jacinto e suas comissões e subcomissões pró-candidatura, instituídos desde fins de 1945: Praça Seca, Taquara e Tanque, todas estas localidades de Jacarepaguá.⁵⁸

Diferentemente dos outros três militantes-quadro do PCB que atuavam na antiga zona rural da cidade do Rio de Janeiro, o então chamado Sertão Carioca, Jacinto L. Moreira teve sua trajetória de vida representada publicamente pelo PCB a partir de um perfil que tivesse força para atrair o conjunto dos espoliados daquela região, ou seja, os lavradores, posseiros, pescadores, pequenos proprietários e operários. Apresentado enquanto um “verdadeiro filho do povo” àqueles grupos, Jacinto possivelmente partilhou de experiências de vida adversas e típicas dos setores mais explorados e mais espoliados daquela sociedade desde a sua infância de menino negro e pobre até a vida adulta quando buscava conciliar trabalho, vida familiar e estudos. As trajetórias de vida de Heitor, Pedro e Lyndolpho, ao que sabemos, não foram apresentadas desta forma, ao passo que Jacinto, talvez por força da disputa eleitoral a que se submeteu, fora importante ter construído este perfil público que em muito correspondeu a sua trajetória de vida. No que se refere a sua trajetória profissional, pudemos perceber que o período em que Jacinto L. Moreira trabalhou na área de assistência aos doentes mentais da saúde pública do DF, marcando por momentos de expansão estrutural e diversificação de atividades, ele passou por sucessivos enquadramentos profissionais, passando de auxiliar de lavoura à médico da Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá. Enquanto militante, Jacinto atuou em várias formas e níveis de inserção: se organizou com funcionários no seu local de trabalho na cooperativa de consumo da CJM; na sua categoria profissional atuou no movimento dos médicos do DF; e no local de moradia

⁵⁸ **Tribuna Popular**, 19/12/1945, capa. “Comitês Pró-Candidaturas da Chapa Popular”.

colaborou apoiando e buscando mediar as lutas sociais e reivindicações dos moradores e trabalhadores daquele Sertão carioca.

A política repressiva imposta aos comunistas pelas autoridades governamentais não era a única fonte das dificuldades presentes no trabalho dos militantes junto aos segmentos do campo. Talvez fosse a principal, e isso não podemos de forma alguma desconsiderar, ainda mais porque estamos tratando de uma região localizada na cidade que talvez tivesse na época a maior concentração de aparelhos do aparato repressivo governamental. Mas é também verdade que parte dessas muitas dificuldades (e desconfiças) eram colocadas por parte do próprio segmento que os comunistas se propunham “defender”. As antigas lideranças que atuavam no campo são unânimes em apontar a dificuldade de revelarem aos camponeses a sua verdadeira identidade política e ideologia. Perguntado se ele e outros militantes do PCB campo diziam que eram comunistas, Lyndolpho Silva responde: Não. Era nome feio em alguns casos. Às vezes podiam aceitar, mas comumente se alguém dizia que aquele cara era comunista (...) se apavoravam. Trabalhávamos como sindicalistas”.⁵⁹

Bibliografia:

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 5ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- BRASIL. **Relatório do Ministério da Agricultura**. Rio de Janeiro, 1933.
- BRAZIL, Etienne. **A fazenda de Santo Antonio da Curicica**. Rio de Janeiro: s.n.t., 1953.
- CASSÍLIA, Janis Alessandra; VENANCIO, Ana Teresa A. **História da política assistencial à doença mental (1941-1956): O caso da Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro**. Trabalho apresentado no XXIV Simpósio Nacional de História da Associação Nacional de História – ANPUH: São Leopoldo, 2007.
- CASSÍLIA, Janis Alessandra Pereira. **Doença mental e Estado Novo: a loucura de um tempo**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, 2011.
- COSTA, Luiz Flávio Carvalho. **Sindicalismo rural brasileiro em construção**. Rio de Janeiro: Forense Universitária: UFRRJ, 1996.
- GRYNPZAN, Mário. “Ação política e atores sociais: posseiros, grileiros e a luta pela terra”, in: **Dados**, v. 33, nº 2, 1990.
- IANNI, Otávio. **O colapso do populismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968
- MENDONÇA, Sônia Regina. **A política de cooperativização agrícola do Estado brasileiro (1910-1945)**. Niterói: EDUFF, 2002.
- POTENGY, Gisélia F.; HOPPE, Sigrid. **A idealização do passado em uma instituição total**. Trabalho apresentado na XVII Conferencia Internacional de Historia Oral “Los retos de la historia em el siglo XXI. Diversidades, desigualdades y la construcción de identidades. Buenos Aires, 2012.
- PUREZA, José. **Memória camponesa**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

⁵⁹ SILVA, Lyndolpho. Op. cit.

- SILVA, Bráulio Rodrigues da; MEDEIROS, Leonilde Sérvulo de (org., apres., notas). **Memórias da luta pela terra na Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2008.
- VENANCIO, Ana Teresa A. **Da Colônia agrícola ao hospital-colônia: configurações para a assistência psiquiátrica no Brasil na primeira metade do século XX**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol.18, supl.1, dez. 2011, p.35-52.
- WELCH, Cliff e GERALDO, Sebastião. **Lutas camponesas no interior paulista: memórias de Irineu Luís de Moraes**. Rio de Janeiro: 1992.
- WOLF, Eric. **Guerras camponesas do século XX**. São Paulo: Global, 1984.

Periódicos:

A Batalha
A Noite
Diário de Notícias
Imprensa Popular
Luta Democrática
O Globo
O Popular
Revista da Semana
Tribuna Popular

214

Bibliotecas e Arquivos:

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro
Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Sítios eletrônicos e outros:

<http://www.wsc.jor.br/jacarepagua/Efem%E9rides.htm>. Acessado em 26/02/2013.